Um presságio fúnebre abateu-se sobre a noite. A segurar um cigarro aceso, o diplomata fitou a tempestade distante e permaneceu imóvel, com o rosto envolto na escuridão. Sentia uma perturbação enorme, que não conseguia explicar. Há muito que a vida abandonara a ruela onde se encontrava. Só lá estavam ele, os colegas – sombras ocultas pelas trevas –, o correr ínfimo da água que se esvaía pelas sarjetas e aquele pequeno som, indo e vindo amiúde, com uma cadência inconstante, nítida de quando em quando, mas ainda assim claramente evidente: o choro infernal e angustiante de uma criança.

O ruído de um motor e a luz dos faróis que inundou a transversal anunciaram a chegada de um automóvel. Permanecendo escondido sob uma varanda, o vulto observou-o enquanto estacionava. Por momentos, nada aconteceu, até que uma figura masculina saiu e começou a andar na sua direção.

A visão longínqua da Torre do Salvador, uma das fortificações da muralha do Kremlin, pelas costas do homem que caminhava para o diplomata fê-lo recordar-se do local onde se encontrava e de porque fora até ali. Todavia, não era isso o que mais importava naqueles passos regulares que rapidamente se cruzaram com ele e prosseguiram caminho, mas o barrete dobrado nas mãos. Tratava-se de um sinal.

A figura masculina afastou-se, perdendo-se na escuridão. Uma explosão súbita fez estremecer a ruela. Imperturbável sob a varanda, o rosto do diplomata iluminou-se durante dois segundos, refletindo as cores do fogo que eclodia perto dali. Foi o tempo suficiente para que consultasse o bonito relógio de pulso que herdara do pai, a única migalha de afeto que ele lhe deixara.

Enregelado pelo frio moscovita, o vulto largou o cigarro e apagou-o com o pé. Não fumava; era somente um acessório, ao contrário da arma elegante que guardava no interior do casaco grosso. Do outro lado do passeio, reparou na agitação de um dos jovens que o apoiava, mas ele manteve-se impassível e começou a contar mentalmente, de pálpebras fechadas. Decorreu mais de um minuto.

A quietude da ruela foi finalmente quebrada pelo som crescente da sirene de uma ambulância. Aproximou-se, até ganhar uma força retumbante, acompanhada pelas demais que se seguiram. O homem abriu os olhos e inspirou profundamente. A distração que planeara resultara em pleno e as autoridades soviéticas estavam ocupadas, a braços com uma urgência premente. Meses, anos de vigilância, haviam-no trazido até ali e chegara finalmente o momento pelo qual esperara, a sua hora solene.

Filhos da noite, quatro dos oito espiões que se encontravam distribuídos pela rua saíram dos esconderijos e começaram a correr sobre a calçada molhada. A operação estava em curso, e apesar da proteção dada pelos colegas que ficavam, sabiam que o território era hostil e que o perigo de serem descobertos nunca fora tão substancial.

Empunhando uma *Glock*, o diplomata disparou contra a porta de um prédio. A fechadura mal resistiu e o grupo vestido de negro irrompeu pelas escadas acima. Lá dentro, ampliado pelas paredes revestidas de mármore, o choro do bebé era ainda mais inquietante. Clamava pela vida, com uma força avassaladora, enquanto os homens galgavam os degraus.

Uma mulher que vinha a descer assustou-se ao deparar com a equipa de intervenção rápida e gritou. O diplomata agitou a arma e indicou-lhe o interior de um dos apartamentos, no qual ela se

refugiou. O cabelo era comprido, o andar, arrastado, tinha uma aparência vulgar e vestia um casaco de peles coçado e de aspeto barato, que não escondia o óbvio. Há muito que se habituara a sobreviver num regime em que a violência era a forma principal de persuasão.

Sem mais tempo a perder, os homens chegaram ao último piso. O pranto da criança ouvia-se fortemente lá em cima, por trás de uma porta de madeira. Um dos colegas avançou, mas o diplomata impediu-o de se precipitar e inspirou pausadamente. Armand Smith, assim se chamava o vice-embaixador francês em Londres, um espião ocasional, apontou a pistola à fechadura, rebentando-a com um só disparo. Como se fossem fantasmas, os quatro agentes especiais entraram na casa e alguém carregou num interruptor.

Sentado no chão de uma sala vazia, com as costas encostadas à parede e os joelhos fletidos contra o tronco, um homem consternado, consumido pelo desespero, levantou a cabeça. Tinha nos olhos claros um desalento e desilusão invulgares, e o rosto estava manchado, marcado pelas lágrimas que corriam sem parar. Sentia-se impotente.

Momentaneamente desnorteado, incomodado pelo som aflitivo do choro do bebé, o diplomata apontou-lhe a *Glock* e exigiu saber onde se encontrava o projeto. O homem mal reagiu. Restava pouco do cientista brilhante que fora, limitando-se a murmurar algumas palavras em russo e a olhar melancolicamente na direção de uma porta, atrás da qual um pranto inocente não cessava. O investigador, que se chamava Sacha, deixara claramente de acreditar na vida.

Stephen, o elemento mais jovem da equipa de intervenção, exaltou-se e bradou para ele, sentindo-se frustrado. Mais sensato, o seu líder colocou um braço à frente do rapaz e segurou-o, impedindo-o de se exceder. Armand já compreendera tudo.

O som de uma chuva de tiros irrompeu pelo apartamento. O KGB chegara à rua e a batalha para abandonarem Moscovo com êxito e em segurança começara. Experiente, o diplomata não se deixou intimidar, ordenando aos colegas que prendessem Sacha. Foi nessa altura que a criança parou de chorar, instalando-se um silêncio tão fúnebre, como aterrador.

Manietado, o cientista soltou um grito selvagem, como se fosse um animal a quem fora roubada a cria. O seu olhar deteve-se na porta, imergindo num mar de mágoa e deceção, tornando óbvio o que todos rapidamente perceberam de seguida – um pequeno anjo decidira abandoná-los.

Armand trocou um olhar consternado com Stephen e seguiu para a divisão onde julgava que a criança se encontrava. Abriu a porta e deparou-se com uma menina. Não deveria ter mais de três anos. Acossada a um canto, escondia-se atrás das grades de um berço de aparência rudimentar. O seu cabelo era louro, quase tão branco como a neve, e fitava-o com uns olhos azuis gélidos, pigmentados por um brilho de morte.

Perturbado, o diplomata aproximou-se, sentindo-se cético e receoso do que poderia vir a encontrar. E foi nesse momento que o viu. Deitado numa manta, um bebé muito magro estava lívido.

A visão do recém-nascido sobre o cobertor provocou um surto emocional no vice-embaixador, fazendo-o recordar-se da infância sem afeto e do quanto amava Sílvia, a sua bonita esposa, com quem ainda não conseguira constituir uma família.

Uma nova salva de tiros, mais intensa e prolongada, ouviu-se, vinda do exterior do apartamento. Na sala, um dos colegas chamou-o, sentindo-se aflito. Comovido, incapaz de abandonar a criança, Armand pegou-lhe delicadamente, envolvendo-o com os braços. Tratava-se de um menino, lindo e puro como só os inocentes conseguiam sê-lo.

O bebé soltou um choro agudo e repentino, mas depressa se acalmou quando abriu os olhos. Apresentando uma cor indefinida, ficaram surpreendentemente abertos, fixos no rosto desconhecido do seu protetor.

Tocado por um milagre, Armand sorriu-lhe, sentindo-se maravilhado. Sob o olhar acusatório da menina de cabelo louro, encostou-o ao peito e fez-se à porta.

Não mais o largou.

Cemitério de Highgate, Norte de Londres,

Vinte e Oito Anos Depois

Protegido pelos guarda-chuvas, um número reduzido de pessoas transpôs o portão alto, coberto de hera e outra vegetação, e começou a caminhar ao longo do caminho de terra. Velado de perto por uma sucessão interminável de jazigos vitorianos e árvores de porte ancestral, seguiu atrás de uma carrinha funerária, com a retaguarda envidraçada e um caixão de madeira no interior.

O dia nascera soturno, tal como o voto de pesar profundo que unia o funeral, sem luz, pintado com tons lúgubres e frios. Uma torrente de água caía há mais de vinte e quatro horas, curiosamente desde a mesma altura em que o cadáver que, naquela tarde era levado até à sua última morada, abraçara a morte.

A vida dele fora breve, repleta de deceções e mágoas, mais do que alguma vez deveria ter suportado. Muitos haveriam de ter gostado de se despedir, de usufruir do privilégio de se encontrarem só mais uma vez na sua companhia, mas a natureza privada da profissão que exercia, somada às circunstâncias peculiares em que falecera, haviam-no impedido. Reservado por natureza, criado numa família de espiões, todos achavam plausível que a solidão tivesse sido o seu derradeiro desejo.

Rodeado pelos amigos e familiares que o seguiam no cortejo fúnebre, um homem desgastado pela passagem do tempo tentou

não soçobrar, encontrando refúgio e conforto na memória de uma noite longínqua. Vestia um fato e uma gravata pretos, uma honrada camisa branca, e os seus olhos tremiam, cansados, debatendo-se permanentemente contra as ondas revoltas de um mar amargo que a qualquer instante parecia ir transbordar.

Armand, um antigo vice-embaixador francês em Londres, apoiava-se na mulher e em Sara, a sua filha, enquanto recordava a noite em que conhecera aquele que viera a tornar-se no seu primogénito. Adotado com poucos dias de vida, debilitado, revelara ser uma criança terna, mas ligeiramente diferente, e um adulto brilhante, que só o enchera de orgulho, mas que, mesmo assim, não escapara a um fado triste.

O funeral descreveu uma curva suave e enveredou por um caminho mais estreito, ladeado por vários arbustos e canteiros de flores selvagens, testemunhas silenciosas da última viagem de um corpo que perdera a vida demasiado cedo. O enterro em Highgate era uma concessão rara, em respeito à especificidade do caso e à influência da família, reservada normalmente apenas a filósofos, escritores e cientistas, que tal como ele mereciam ficar a repousar num local especial. O cemitério era um local belo e intrigante, uma fonte eterna de mitos e lendas, e por isso o refúgio perfeito para alguém como ele, que seria memorável eternamente.

A visão de um monte de terra fez parar a marcha fúnebre. Sem vento, a chuva que caía intensificou-se, tornando-se pesada. Porém, o grupo vestido de luto não arredou pé e, comovido, assistiu à saída do caixão para a rua. Vinha coberto por várias coroas de flores brancas, as carícias finais de quem o amava mais.

Sentindo-se pressionado pela violência da tempestade que se abatia sobre o cemitério, o padre começou a proferir as últimas palavras. Simultaneamente, um par de cordas grossas e fortes envolveram a urna, fazendo-a descer cuidadosamente em direção ao precipício.

Vindo de trás, um lamento agudo sobrepôs-se ao ruído provocado pela precipitação. Diante da campa aberta, Armand desviou momentaneamente o olhar. Incomensuravelmente carregado de significado, o bonito relógio de pulso que o filho lhe oferecera quando

fora promovido acompanhou o movimento descendente do braço e revelou finalmente os seus lábios, até ali ocultos pelos dedos.

Estavam contraídos, transformados numa linha agreste, enquanto fazia um esforço sobre-humano para não sucumbir, sentindo cravadas nele as mãos nervosas da esposa e o rosto da filha enterrado no peito, um sinal de que ambas lutavam tanto, ou ainda mais, do que ele para não se deixarem mergulhar no abismo.

Um silêncio tumular abateu-se sobre o cemitério e o significado do momento apoderou-se do diplomata. Com os olhos marejados de lágrimas, o homem deixou de resistir e enfrentou o inevitável. A hora solene chegara; havia que aceitá-la.

À sua frente, a terra começou a cair sobre o caixão.

«Falo-vos pela primeira vez na qualidade de primeiro-ministro, numa hora solene da vida do nosso país, do nosso império, dos nossos aliados e, acima de tudo, da causa da liberdade. Uma batalha tremenda está a irromper [...] Existem evidências de que praticamente a totalidade das forças especializadas e mecanizadas do inimigo foram enviadas para a linha da frente; e é do nosso conhecimento que um número elevado de baixas lhe foi infligido. Nenhum militar, ou homem, nenhuma brigada, ou divisão, que venha a deparar com o inimigo, seja em que lugar for, poderá deixar de contribuir. Os exércitos deverão deixar de resistir atrás das trincheiras, ou de obstáculos naturais, e compreender que a superioridade só poderá ser recuperada com um ataque furioso e inexorável. E este espírito não deverá apenas motivar as forças armadas, como todo e qualquer homem disposto a lutar.»[1]

Vós, homens de valor.
Discurso de Winston Churchill, BBC Radio, 19 de maio de 1940.

[1] Tradução do autor.

Trinta e Seis Horas Antes do Funeral

Londres, Inglaterra

Sob um céu de um tom escuro, como a antracite, uma mota potente encostou ao passeio. O seu condutor, um homem de cabelo curto e negro, desmontou e começou a caminhar sobre o empedrado. Vestia um casaco preto, comprido, com um padrão nas costas gravado a alto-relevo e carregava um par de sabres longos, cruzados, fixos por duas tiras grossas de couro. A rua estava deserta. Um odor a bafio angustiante pairava no ar, antecipando a tempestade que se aproximava.

De mãos nos bolsos, fez-se a uma escada. Acompanhado somente pelo som seco e duro que os tacões das botas de cano alto que calçava faziam ao embater no empedrado, desceu os degraus. Com os atilhos das mangas a roçarem suavemente nas paredes húmidas e degradadas, prosseguiu e entrou numa passagem subterrânea. Um sem-fim de corredores estreitos, um labirinto asfixiante e escuro, sucedeu-se, até deparar com uma porta. Afixado nela, o letreiro informava que o acesso era reservado.

O motociclista localizou um sensor numa ranhura da cantaria. Passou um cartão e o negrume anterior deu lugar a uma via deserta, bem iluminada, que se estendia à sua frente. Assim que transpôs a passagem secreta, um ruído metálico e abrupto soou por trás dele, deixando-o fechado no interior daquele submundo sem vida, até

que um barulho familiar começou a ganhar força, tornando-se rapidamente ensurdecedor. O silêncio regressou tão depressa quanto desaparecera.

O homem vestido de preto caminhou durante algumas centenas de metros, até chegar a uma encruzilhada. De um lado, viu um corredor obscuro e, do outro, o acesso a uma galeria. Optando pela última, acedeu a um espaço amplo, onde descobriu uma porta de aço. Oposto a ela estava um arco perfeito, que dava para a escuridão.

Parado entre os dois elementos, baixou o olhar, num momento solene de introspeção. Gradualmente, o mesmo zunido que ouvira ao entrar ali cresceu rapidamente mais uma vez, até que várias carruagens de metropolitano passaram por trás dele, envoltas em riscos de luz e movimento. Encontrava-se sob uma das avenidas com maior movimento da capital inglesa, muitos metros abaixo do solo, nas catacumbas de um dos sistemas de transporte mais antigos do mundo.

Com o casaco comprido a esvoaçar ao sabor do efeito de aspiração, o homem deu um passo em frente, em direção à porta, que se manteve fechada. Um sensor de infravermelhos foi acionado, fazendo incidir sobre o cabedal do casaco que vestia uma linha fina e carmesim. Tratava-se de um intruso.

O rapaz levantou a cabeça e revelou à câmara o rosto afilado e os olhos negros, pintados com um risco preto, que tão bem o caracterizavam. Encontrava-se na entrada secreta de uma das agências semigovernamentais de espionagem mais eficientes da Europa.

Pronto a render-se, *O Gótico*, um criminoso procurado por terrorismo internacional, sorriu.

Londres, Inglaterra

Nas instalações da agência de espionagem, Theresa O'Grady, a responsável pela sala de operações, levantou o rosto sardento do relatório que lia, alertada pelo aviso sonoro. A irlandesa olhou instintivamente para o painel de ecrãs que se via no topo do aquário, onde uma moldura encarnada assinalava uma potencial intrusão.

Encontrava-se sozinha. Faltavam cerca de três semanas para o Natal e a Cadmo, assim se designava o Serviço de Informação para o qual trabalhava, não tinha qualquer missão em curso. Por isso, esperava uma noite descansada, na companhia de Toby – um dos engenheiros informáticos, por quem nutria um carinho maternal –, enquanto os dois reviam uma nova aplicação de recolha de dados que andavam a desenvolver.

Todavia, aquela bordadura vermelha significava exatamente o contrário do que a mulher antevira. Devagar, tentando manter-se calma, subiu ao estrado e fitou placidamente o rosto que lhe era apresentado. Ou ela muito se enganava, ou um grande sarilho acabara de lhe bater à porta.

Os piores receios de Theresa confirmaram-se ao ver as legendas que surgiram rapidamente junto ao rosto afilado do rapaz de olhos pintados de negro. Assim que o avançado processador central da

agência que comandava o programa de reconhecimento facial concluiu o cruzamento com a base de dados, exibiu a verdade, mostrando-a em carateres brancos, minúsculos, mas ainda assim com um significado terrível.

Tratava-se de *O Gótico*. Era procurado pela tentativa de homicídio da presidente da Agência Europeia do Ambiente, Annemarie Weidlinger, durante o mês de outubro, em Budapeste, e posteriormente, em novembro, por ter sabotado uma missão recente, nos Alpes Franceses.

Fitando-o com desconfiança, Theresa sacou do telemóvel e telefonou ao seu chefe de operações. Já passava ligeiramente da hora, mas Stephen atendeu pouco depois de a chamada se iniciar. Era dono de uma voz fleumática, bem colocada, que inspirava segurança.

O diálogo entre os dois foi breve. Começaram por trocar poucas palavras, enquanto ela o punha ao corrente da situação, e de seguida deu-se uma pausa prolongada. Tomado pela estupefação, o homem transmitiu duas instruções. A primeira foi a de prisão imediata do rapaz. A segunda acabou por ser mais um pedido entre dois amigos. Aconselhou-a a usar de grande cautela.

Alisando o cabelo preto, Theresa desligou e iniciou prontamente um novo telefonema, enviando para a entrada a única equipa de assalto e captura que se encontrava presente nas instalações. De pé no centro do aquário, fitou outra vez o rosto do jovem criminoso e refletiu sobre o ar irónico com que continuava a sorrir na direção da câmara.

Que estranho volte-face no rumo dos acontecimentos se teria dado, para que um dos principais inimigos da agência quisesse entregar-se voluntariamente?

Londres, Inglaterra

A menos de dez quilómetros a noroeste das instalações da Cadmo, um automóvel cinzento-escuro de marca alemã, com linhas aerodinâmicas e uma aparência sofisticada, deslizava graciosamente sobre o asfalto humedecido, enquanto contornava os jardins de Kensington. Nuvens tenebrosas avançavam sobre a cidade, cobrindo o céu e tornando-a ainda mais fria e escura, como se algo de muito mau estivesse na iminência de acontecer.

No interior do carro, um homem magro, com bom ar, cabelo grisalho e olhos claros desligou a chamada que mantinha ativa no sistema de mãos-livres, focando a atenção na vegetação generosa de Hyde Park que divisava adiante. Stephen Hawkins, assim se chamava o chefe de operações, acabara de ser arrancado minutos antes à quietude do lar.

Passara a tarde entretido a fazer compras com a família, num dos armazéns de retalho mais movimentados de Londres, entre a azáfama tradicional da época natalícia. No entanto, os planos que fizera para desfrutar de um serão sossegado na companhia da mulher, Jaimie, e dos gémeos, haviam acabado de ruir. *O Gótico,* um terrorista cuja afiliação e motivação eram um verdadeiro enigma, entregara-se nas instalações do Serviço de Informação para o qual ele trabalhava.

Era certamente um ato inesperado, com implicações profundas que ainda estavam por mensurar, mas que, momentos antes, tivera o condão de suscitar mais uma discussão familiar. Embora já devesse estar habituado às circunstâncias peculiares da sua profissão, a esposa não se inibira de manifestar o seu desagrado. Fizera-o veementemente, sem se importar sequer com a presença de Lilly e Nicholas, os filhos pré-adolescentes, tornando claro que a tempestade que se aproximava da cidade ameaçava igualmente o casamento de ambos.

O mal-estar entre os dois sentia-se há muito, mas o inglês suspeitava que a irritação de Jaimie não se dirigia realmente às vicissitudes do seu trabalho. O que andava a deixá-la incomodada era certamente o regresso a Londres de uma outra mulher — a filha mais velha dele.

Stephen já refletira longamente, havendo chegado sempre à mesma conclusão. Além da mera cobardia, não encontrara outra explicação para não a ter levado consigo. Quase trinta anos antes, quando se encontrava colocado em Hong Kong ao serviço de Sua Majestade, conhecera uma bonita e doce rapariga chinesa. Nascida no seio de uma família pobre de pescadores, chamava-se Lien-Hua, flor-de-lótus, e emigrara clandestinamente para o território de administração especial à procura de uma vida melhor. Sem saber, fora ela quem tocara irrevogavelmente a dele.

Li, como lhe chamava intimamente, era sensível e cândida, maravilhando-o com a sua simplicidade, fazendo com que se apaixonasse facilmente. Mas talvez fosse a sua juventude que o fizera perder a coragem. A Cadmo, na altura um Serviço de Informação pequeno e em desenvolvimento, endereçara-lhe um convite irrecusável, e os seus pais, naturalmente conservadores como só os Britânicos sabiam sê-lo, jamais aceitariam como nora uma mulher iletrada, que servia às mesas para sobreviver e que nem sequer a língua deles falava.

Com os olhos marejados e o coração naufragado na própria fraqueza, acabara por deixá-la no porto. Nunca o confessara a Jaimie, com quem contraíra matrimónio muito tempo depois, mas Li continuara a acompanhá-lo frequentemente, visitando-o em sonhos, pedindo-lhe que não a esquecesse, apesar dos continentes que os

afastavam. Vinte e dois anos depois de a abandonar, ficou com a certeza de que tal jamais aconteceria.

Ao contrário daquele dia de dezembro, Stephen e Jaimie haviam passado momentos muito agradáveis. Os gémeos continuavam a crescer, saudáveis, ingressando brevemente no ensino básico, e a família aproveitara uma rara tarde soalheira para dar um passeio de bicicleta a quatro na periferia do bairro de Knightsbridge, onde residiam, ignorando as embaixadas e as lojas de roupa elitistas da vizinhança.

Eram quase horas de jantar e um odor agradável, ao peixe assado que apurava no forno, pairava pela casa, quando uma mulher jovem, cujo rosto fundia traços orientais e ocidentais, batera à porta. Dona de uma elegância e beleza extraordinárias, apresentara-se como sendo sua filha.

Jaimie nunca o admitira, nem naquele fim de tarde, e muito menos nos anos que se seguiram, mas Stephen percebeu que a esposa detestara imediatamente Anna. Talvez não fosse a sua existência que a tivesse magoado mais, mas certamente a descoberta de um passado, de uma vida sobre a qual ele nunca lhe falara, quem sabe a constatação de um amor maior do que o que partilhavam.

A jovem era uma versão ainda mais bela e exótica de Li; algo que não poderia refutar. Incitado pela esposa, exigira-lhe, então, que fizessem um teste de paternidade. Na realidade, tratara-se de um erro lamentável, do qual se arrependera profundamente.

Anna perdera a mãe durante a infância, acabando por sobreviver a uma adolescência tenebrosa, indo buscar alento e coragem à esperança de um dia o conhecer. E a primeira coisa que ele fizera assim que a vira fora duvidar da integridade da filha. Mais do que a sua negligência, suspeitava hoje que essa deveria ter sido a razão pela qual ela ainda não o perdoara.

Sentindo-se com remorsos, Stephen pedira-lhe que se mudasse para sua casa. Lilly e Nicholas aceitaram a ideia sem reservas, passando a idolatrar a irmã mais velha, e mesmo ele acabara por se deixar fascinar por aquela rapariga de caráter inviolável. Era determinada, como jamais conhecera alguém.

Só Jaimie se mantivera à parte. E a resistência da jovem esposa, que não era muito mais velha do que Anna, minara a relação entre os dois, que nunca se tornara afetiva, ao contrário do que seria de esperar entre um pai e uma filha. Pelo contrário, fora sempre conflituosa e distante, ao ponto de ela acabar por o trair abertamente.

Sem Stephen saber, a rapariga candidatara-se a uma vaga na Cadmo e, passando por cima dele, que, então, já fora promovido a chefe de operações, conquistara sozinha e com muito mérito o único lugar disponível para a missão mais ambiciosa e ousada que a agência alguma vez planeara — infiltrar-se e destruir a Dark Star, uma organização terrorista sediada na Europa Central, que ressurgira pouco tempo antes e manifestara um interesse particular num projeto de manipulação genética. Aquele não era apenas um assunto antigo, pelo qual todos sentiam um apego especial, mas uma história com décadas.

Atualmente com vinte e oito anos, Anna acabara por ser fundamental no sucesso que haviam obtido recentemente. Uma semana antes, em Portugal, trabalhando em conjunto com André Marques-Smith, o primogénito do seu velho colega e amigo Armand, um ex-embaixador francês em Londres, a filha derrotara a Dark Star. O líder, Gavrie Lebodin, e o filho, Ilya, tinham sido presos, existindo provas substanciais das suas atividades criminosas.

A rapariga não evitara expor a sua verdadeira identidade. Porém, libertara do cativeiro um investigador norte-americano que a organização terrorista raptara no início do outono. E apesar de durante o tempo em que vivera infiltrada ter assassinado um agente da autoridade, motivo pelo qual era procurada pelos Serviços de Segurança internacionais, que a acusavam de homicídio, regressara naquela tarde à capital inglesa.

Orgulhosa como a mãe, recusara-se a dizer-lhe onde ficaria a viver.

Continuando a conduzir o automóvel, Stephen foi alertado pelo sistema de mãos-livres do carro de que tinha uma chamada. O coração animou-se com a esperança de se tratar da filha mais velha, mas rapidamente se cobriu de desalento ao reconhecer o número central da Cadmo. Tratava-se de Theresa, certamente.

Assim que ele atendeu, a colega colocou-o a par da evolução da situação na sede. *O Gótico* acabara de ser capturado e desarmado, e naquele momento era levado pela equipa de intervenção para uma sala de interrogatórios. No entanto, já tornara clara a sua pretensão. Falaria somente com ele.

O chefe de operações despediu-se de Theresa e concentrou-se na estrada. Os olhos frios desviaram-se rapidamente na direção do telemóvel que mantinha sobre o banco vazio do lugar do pendura, revelando uma fragilidade e ansiedade pouco comuns nele. Aquela rendição parecia cada vez mais estranha. Ninguém atentava contra a vida de uma das mulheres mais influentes da Europa e, algumas semanas depois, se entregava às autoridades.

Enquanto vivera infiltrada na Dark Star, Anna reunira informação muito valiosa sobre *O Gótico* e, apesar de a relação entre pai e filha continuar a ser muito difícil, a presença dela no interrogatório seria uma mais-valia. Ou simplesmente uma desculpa para passarem mais tempo juntos.

Stephen procurou o seu nome na lista de contactos e telefonou-lhe. A chamada prolongou-se durante quase um minuto, até soçobrar na caixa de mensagens. A rapariga não atendeu, o que não era realmente uma surpresa. Algum dia seria ela capaz de perdoá-lo?

O homem tamborilou no volante do carro e ponderou as opções de que dispunha. Num ímpeto, tentou falar com André. Sabia que o rapaz se encontrava em Londres, a visitar a irmã, Sara, que frequentava o treino operacional da Cadmo, mas a sua iniciativa foi gorada. O jovem também não atendeu, o que só corroborou a sua suspeita de que aquele não era o motivo principal pelo qual viera à cidade.

Sem saber quem Anna era, ele desenvolvera uma animosidade natural contra a rapariga, julgando-a uma criminosa sem escrúpulos. Todavia, no início do verão, a filha fizera uma exigência para continuar o seu trabalho como agente dupla: trabalhar diretamente com o espião português.

A colaboração fora adiada até ao outono, sendo marcada por vários conflitos e desavenças, como seria de esperar. No entanto, algo dizia a Stephen que a cisão inicial que marcara a relação dos

dois rapidamente se transformara, tornando-se num sentimento que pudera ter ultrapassado largamente o limite da esfera profissional.

O chefe de operações insistiu, mas a segunda tentativa conheceu o mesmo destino do que a primeira. André continuava a não atender a chamada, o que era realmente estranho. Todos o conheciam pela dedicação e eficiência notáveis, sendo considerado um dos melhores agentes operacionais da Cadmo. Por que motivo não respondia às suas tentativas de contacto?

Ao volante do automóvel, Stephen descreveu uma curva larga, perante os primeiros vislumbres dos jardins do Palácio de Buckingham. Insistiu novamente com o jovem português, mas, outra vez, a chamada acabou por ir para a caixa de correio.

Um clarão enorme, quase incandescente, eclodiu no horizonte, iluminando a base das nuvens que cobriam o céu de Londres. Algo de muito mau vinha a caminho; conseguia senti-lo.

Anna, André, a hipotética relação dos dois e o paradeiro de ambos voltaram ao seu pensamento. Sentindo-se inexplicavelmente angustiado, acelerou ainda mais, em direção ao centro da cidade.